



KAREN TAIEB EU TE ESCREVO DE AUSCHWITZ

AS CARTAS INÉDITAS DOS PRISIONEIROS
DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO - VENDA PROIBIDA

K A R E N T A I E B
E U T E E S C R E V O
D E A U S C H W I T Z

AS CARTAS INÉDITAS DOS PRISIONEIRO
DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO

Tradução
Caroline Silva



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Karen Taieb, 2011

© Éditions Tallandier, 2021

Esta edição é uma publicação em acordo com Éditions Tallandier em conjunto com seus agentes devidamente nomeados Books And More Agency #BAM, Paris, França, e Villas-Boas & Moss Agência e Consultoria Literária, Rio de Janeiro, Brasil. Todos os direitos reservados.

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022

Copyright da tradução © Caroline Silva

Todos os direitos reservados.

Título original: *Je vous écris d'Auschwitz: Lettres retrouvées et présentées par Karen Taieb*

PREPARAÇÃO: Andréia Manfrin Alves

REVISÃO: Aline Araújo e Fernanda Guerriero Antunes

DIAGRAMAÇÃO: Anna Yue e Francisco Lavorini

CAPA: Rafael Brum

IMAGEM DE CAPA: Susan Fox / Trevillion Images

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Taieb, Karen

Eu te escrevo de Auschwitz: as cartas inéditas dos prisioneiros do campo de concentração / Karen Taieb; tradução de Caroline Silva; prefácio de Ivan Jablonka. -- São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.
224 p.

ISBN 978-65-5535-703-5

Título original: *Je vous écris d'Auschwitz: Lettres retrouvées et présentées par Karen Taieb*

1. Holocausto judeu (1939-1945) 2. Guerra Mundial, 1939-1945
3. Auschwitz (Campo de concentração) I. Título II. Silva, Caroline
II. Jablonka, Ivan

22-1390

CDD 940.5318

Índice para catálogo sistemático:

1. Holocausto judeu (1939-1945)



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo.

2022

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP CEP 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Primeira parte

BRIEF-AKTION



Privados de tudo, torturados pela fome e pelo frio e destinados ao aniquilamento, alguns judeus deportados para Auschwitz puderam se corresponder com seus entes queridos que permaneceram na França, contrariando a doutrina nazista que consistia em fazê-los desaparecer sem deixar vestígios.

De 1942 até o verão de 1944, cerca de cinco mil cartas foram trocadas entre a França e a Alemanha, permitindo a três mil correspondentes identificados manter uma ligação, embora frágil, com seu país de origem.

Inúmeras zonas obscuras cercam a *Brief-Aktion*. Propaganda destinada à opinião pública? À Cruz Vermelha? A calar os rumores que começavam a circular a respeito dos campos de extermínio? Um método para identificar outros judeus a serem presos? Não sabemos a intenção por trás desse projeto, embora a hipótese de uma operação de propaganda seja a mais aceita.

Qualquer que fosse o objetivo, a realidade dos campos de extermínio deveria permanecer desconhecida até mesmo no endereço. Nessas cartas, falava-se apenas em “campos de trabalho”. Para os deportados que puderam trocar correspondências, a desconfiança predominava. Escrever para a família na França significava entregar aos seus algozes o endereço de seus próximos e condená-los à morte. A maior parte dos deportados enviava suas cartas para amigos de confiança, sobretudo “arianos”, que pudessem reencaminhá-las com toda a segurança.

Embora hoje isso possa parecer inacreditável no contexto dos campos nazistas, temos provas de que essas cartas partiram de Auschwitz, chegaram à França e de que respostas foram enviadas. É o que conta a história de Hersz Strasfogel, que o leitor descobrirá nas páginas a seguir.

Ainda que as correspondências entre os deportados e a França, no âmbito da *Brief-Aktion*, fossem extremamente controladas, não fornecendo nada além de breves notícias cujo objetivo era tranquilizar as famílias, alguns deportados aproveitaram falhas na execução inicial dessa operação de propaganda para tomar algumas liberdades no que dizia respeito às regras, escrevendo cartas mais longas e menos rígidas que o previsto. Uma breve vantagem que não duraria muito. Foi o caso da emocionante e única carta de Sylvain Bloch para sua família, uma das primeiras cartas da *Brief-Aktion*, que chegou a Paris em janeiro de 1943, na qual ele se preocupa com a saúde de sua família e dá conselhos: “Lembre-se de aprender corretamente e de ouvir bem o que sua mãe lhe diz”, escreveu para sua filha. Outros, como Berthe Falk, presa durante a Rusga do Velódromo de Inverno e deportada pouco tempo depois, não escondem a felicidade proporcionada pelo recebimento das cartas que chegavam da França: “Tudo o que vem de vocês me deixa feliz”, escreveu ela, entregue à felicidade de receber notícias de seus próximos.

Para algumas famílias, essas cartas, embora sucintas, são os únicos depoimentos que restaram de um pai, de uma mãe ou até mesmo de um filho desaparecido nos campos, e são conservadas como bens preciosos. É o caso dos irmãos Marcel e Simon Aptekier. Ambos nasceram na Polônia, em 1920 e 1921, pouco antes de seus pais emigrarem para a França. Preso em 1941, Simon conseguiu fugir e juntou-se à Resistência, enquanto seu irmão mais velho foi preso e deportado para Auschwitz no ano seguinte. De forma geral, a existência dessas cartas, com as datas de envio e de recebimento registradas pela UGIF, permite saber se um deportado passou pela assustadora “seleção” que acontecia logo após a chegada dos trens a Auschwitz. Essas cartas, embora modestas, nos possibilitam conhecer melhor o trágico destino desses prisioneiros.

Essa correspondência atravessou o tempo e chegou até nós. Nas páginas seguintes, são apresentados nove itinerários de deportados. Essas cartas

foram escolhidas em razão do que nos dizem a respeito do funcionamento dessa operação de propaganda, tanto na França, por intermédio da UGIF, quanto nos campos alemães.

Judeus nascidos na França, naturais da Polônia ou ainda da Romênia, alguns envolvidos na Resistência, quatro desses deportados retornaram, e dos cinco restantes essas cartas são seus últimos vestígios de vida. Esses percursos nos trazem uma melhor compreensão do que foi a *Brief-Aktion* na França, mas, acima de tudo, também nos dão a oportunidade de prestar uma homenagem à memória desses homens e dessas mulheres.





HERSZ STRASFOGEL,
anos 1930

HERSZ-HERMANN STRASFOGEL

Embora hoje saibamos que os deportados judeus podiam escrever para a família que ficou na França, qual não foi nossa surpresa ao descobrirmos que um deportado de Birkenau havia recebido uma resposta para a carta que escrevera. É o caso de Hersz Strasfogel, cuja história é especialmente extraordinária.

Estamos em fevereiro de 1945, algumas semanas após a descoberta dos campos de Auschwitz e de Birkenau pelas tropas soviéticas. Uma equipe da Cruz Vermelha polonesa de Cracóvia, que trabalha em um hospital instalado no campo principal de Auschwitz I, dirige-se ao campo de Birkenau. Fazendo parte dessa equipe, um estudante de medicina natural de Varsóvia, Andrejz Zaorski,* encontra em meio às cinzas amontoadas nos crematórios, perto da via férrea, uma garrafa de meio litro cuidadosamente fechada. Em março de 1971, ele relatou ao Museu de Auschwitz as condições dessa descoberta:

Abri a garrafa e dela tirei algumas folhas perfeitamente conservadas de papel quadriculado. Essas folhas estavam dobradas e tinham a

* Andrejz Zaorski nasceu em Varsóvia em 22 de março de 1923, filho de pai cirurgião e mãe filha de médico. Estudante de medicina, candidatou-se para a Cruz Vermelha polonesa, a um trabalho no recém-liberto campo de Auschwitz, para ali instalar um hospital. Depois disso, tornou-se cirurgião. Morreu em 2 de junho de 2014.

forma de uma carta. Na folha externa, que era um tipo de envelope provisório, havia o endereço da Cruz Vermelha polonesa. Apenas no interior da carta se podia ler um segundo endereço: desta vez, tratava-se do destinatário real, na França. E, como a carta estava dobrada e coberta por papel, e não se encontrava em um envelope, eu a desdobrei e encontrei várias folhas com um texto escrito à mão em língua francesa. Era uma carta endereçada à esposa, que, como se podia imaginar ao ler o endereço, estava na França. O autor dessa carta descrevia seu horrível destino e tudo o que vivera quando trabalhou nos crematórios, após ter sido designado pelos alemães para integrar a equipe do crematório. Ele declarava que certamente o matariam, assim como mataram todos os seus colegas e antecessores designados para o mesmo trabalho. Ele não tinha mais nenhuma esperança de um dia rever sua mulher e lhe deixava orientações a respeito da vida após a guerra. Pedia que ela nunca mais voltasse para a Polônia.¹

O documento manuscrito, descrito em detalhes por Zaorski, foi enviado para as autoridades francesas de Varsóvia em março de 1945. Embora Zaorski tenha mencionado em seu depoimento a existência de dois endereços, aparentemente eles se perderam. A fim de enviar a carta original ao seu destinatário, o Ministério dos Antigos Combatentes e Vítimas de Guerra da República Francesa tomou a iniciativa de transmitir uma cópia da transcrição datilografada à Associação dos Antigos Deportados de Auschwitz de Paris, que, em seu boletim nº 19, de janeiro/fevereiro de 1948, publicou na segunda página um trecho da carta, precedido da seguinte introdução:

Publicamos abaixo uma carta cuja cópia acaba de nos ser enviada pelo Ministério dos Antigos Combatentes. Essa carta foi encontrada em uma garrafa enterrada perto do crematório 2 de Birkenau. Ela foi assinada por Hermann, deportado em 2 de março de 1943 de Drancy. Não publicamos as passagens estritamente pessoais, mas queremos destacar que essa carta é dirigida à sra. Hermann e à sua filha Simone, e que além delas são mencionados os nomes dos

senhores Riss, Vanhems, Martinelli, David Lahana e Yacoel. As buscas efetuadas pelo Ministério para encontrar a família Hermann, assim como as outras pessoas mencionadas, até agora não trouxeram nenhum resultado. Ficaremos gratos se aqueles que puderem nos ajudar em nossas buscas nos alertarem o mais breve possível.

A Associação, no entanto, fez uma interpretação incorreta: embora a carta esteja endereçada à esposa e à filha do autor, em nenhum lugar está escrito que Hermann é seu sobrenome. Sabemos que os destinatários foram identificados e que a carta lhes foi entregue em março de 1948. Ela permaneceu cuidadosamente conservada, até vir à tona novamente setenta anos mais tarde, em 2018.

Paralelamente, nos anos 1960, uma cópia da versão datilografada foi entregue ao Museu de Auschwitz. Parece que nessa época a carta foi atribuída a certo “Chaïm Herman”. *A priori*, apenas a assinatura “Hermann”, no fim da carta, serviu como identificador do autor, o qual indica ter sido deportado da França e especifica a data em que isso ocorreu. Em seguida, houve uma busca na lista de deportação do trem nº 49, que continha um único deportado com o nome de Hermann: Chaïm Herman. Então, o texto lhe foi automaticamente atribuído.² Como este último era solteiro e não tinha filhos, ninguém se manifestou para questionar essa afirmação, nem mesmo um amigo ou conhecido. Desde então, o erro foi reproduzido todas as vezes que o texto da carta foi publicado. De fato, o único manuscrito redigido em francês por um membro do *Sonderkommando* de Birkenau entrou para a história como tendo sido escrito por “Chaïm Herman”.

Hoje sabemos que o autor da carta que se dirige à sua mulher e à sua filha assinou com seu nome, e não com seu sobrenome. Mas não era possível adivinhar que Hersz Strasfogel era chamado por “Hermann” e que o nome de sua filha, Sima, fora afrancesado para se tornar “Simone”.

Para complicar as coisas, há muitas semelhanças entre os dois homens. Hersz Strasfogel nasceu em 16 de dezembro de 1896, em Varsóvia, tal como Chaïm Herman. Do mesmo modo, ambos viveram e trabalharam em Paris; Hersz atuava na confecção: era operador de máquina de tricô. Ambos

residiam no 11º distrito da capital, no *boulevard* Richard-Lenoir, nº 117. Mas, diferentemente de Chaïm, Hersz casou-se com Chiona (que é chamada de Suzanne), tendo com ela uma filha, Sima-Simone, nascida em 1927.

Hersz Strasfogel chegou à França em 27 de dezembro de 1929, e sua família se juntou a ele alguns meses depois. Seus primeiros anos em Paris foram difíceis. Eles receberam uma ordem de expulsão e esgotaram-se em procedimentos para obter a autorização de permanência. Em 1932, inscreveu-se no registro do comércio como tricoteiro, declarando-se empreendedor em 1935. De fato, Hersz foi trabalhar por conta própria; seu negócio foi alvo de um processo de arianização durante a Ocupação.³ Desde que se instalou na França, Hersz pede para ser chamado de Hermann: é um nome mais fácil de ter e de pronunciar.

Hersz-Hermann Strasfogel foi preso no dia 20 de fevereiro de 1943, durante uma rusga ocorrida em Paris, cujo alvo eram os judeus estrangeiros entre 16 e 65 anos. Para essa rusga, foram selecionadas 7.011 fichas de homens a serem presos, mas os resultados acabaram sendo inexpressivos: o número de prisões não chegou a uma centena. Entre eles, infelizmente, se encontravam Hersz-Hermann Strasfogel, seu irmão Izak e o já citado Chaïm Herman. Em Drancy, eles foram enviados para a mesma camarata, número 2, escada 15. Também estiveram entre as mil pessoas que deixaram o campo para integrar o trem nº 49, no dia 2 de março de 1943.

Durante as pesquisas feitas para esta obra, em uma caixa que continha diversos documentos sobre o campo de Auschwitz, uma carta manuscrita, em francês, chamou minha atenção. A fotocópia, embora de qualidade medíocre, é de fácil leitura. O autor é membro do *Sonderkommando* de Birkenau e anuncia que sua morte está próxima. Essa carta foi enviada ao Memorial da Shoá em 2002, por Simone Muntlak. Ela vinha acompanhada do formulário de inscrição na Parede dos Nomes,* que Simone preencheria

* Localizada na entrada do Memorial da Shoá, a Parede dos Nomes traz, gravados na pedra, os nomes de quase 76 mil judeus deportados da França entre 1942 e 1944, como parte da implementação da Solução Final pelos nazistas. Inaugurado no dia 25 de janeiro de 2005 pelo presidente Jacques Chirac, o novo monumento, restaurado e terminado, foi reinaugurado pelo presidente Emmanuel Macron no dia 27 de janeiro de 2020.